



FABER-CASTELL

since 1761

EDUX

REVISTA DE APRENDIZAGEM CRIATIVA FABER-CASTELL

Edição Fevereiro/2022



Aprendizagem Criativa na Educação Infantil



**Coleção Aventuras Criativas
em ação nas escolas**

Conexões com a BNCC

**Registros e Avaliação da
criatividade na Infância**



SUMÁRIO



04 **INSPIRAÇÃO**

De onde vem a Aprendizagem Criativa?

06 **ENTREVISTA**

Natalie Catlett e Leo Burd

14 **CASES DE SUCESSO**

Aventuras Criativas em ação

20 **AVALIAÇÃO**

Entendendo e avaliando a Criatividade

24 **CURRÍCULO**

Imaginação, fantasia, criatividade: conteúdos da Infância e da Educação Infantil – Por Gabriel de Andrade Junqueira Filho

26 **BNCC**

As Aventuras Criativas e a BNCC

28 **PARÂMETROS**

Qualidade é essencial: entrelaçamentos entre os Parâmetros Nacionais de Qualidade da Educação Infantil e a Aprendizagem Criativa – Por Bia Ferraz

32 **REGISTROS**

Os registros e a documentação pedagógica no Ateliê Carambola – Por Fabrício Remigio

34 **LEITURA**

Livro literário não é para ser útil – Por Luciana Loew

36 **LUDICIDADE**

Brincar, educar e aprender na escola – Por Bianca Solléro

38 **BRINCAR**

Brincando com os quatro elementos da Natureza – Por Gisarla Dantas



FABER-CASTELL
since 1761
EDUX

REVISTA PROGRAMA
FABER-CASTELL DE
APRENDIZAGEM
CRIATIVA

É uma publicação da
Faber-Castell Edux



EQUIPE DE EDUCAÇÃO FABER-CASTELL Carolina Luvizoto Avila Machado, Fábio Henrique Trovon de Carvalho, Marcela Costa Machado, Naíma Rocha e Vera Bamberg ■ **COLABORADORES** Leo Burd, Natalie Catlett e Thiago Gringon ■ **REDAÇÃO, REVISÃO, EDIÇÃO, ARTE E DIAGRAMAÇÃO** Panamby Comunicação Educacional – Luiza Oliva – Jornalista Responsável – MTB 16.935 ■ Tiragem 30.000 exemplares ■ FOTO DA CAPA: Marcio Mecca

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhual 4.0 Internacional. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Envie suas sugestões e críticas para programa.escolar@faber-castell.com.br
Acesse a versão digital <http://educacao.faber-castell.com.br>



CAROS LEITORES,



Programa Faber-Castell de Aprendizagem Criativa chegou à Educação Infantil. Esta edição Aprendizagem Criativa na Educação Infantil apresenta como a abordagem pode ser desenvolvida no trabalho com crianças de três a cinco anos. Nesta proposta, os espaços da escola se transformam em ambientes que convidam crianças e educadores a se divertirem com as Aventuras Criativas, que potencializam as interações e as brincadeiras, aspectos importantes para o desenvolvimento infantil.

As Aventuras Criativas funcionam como um passaporte de imersão ao universo da imaginação, da fantasia e da criatividade, com sugestões de atividades e exemplos práticos para que cada educador coloque suas ideias, adapte o que for necessário para a realidade de sua escola e avance de acordo com suas necessidades, ritmos e interesses.

No Programa, as crianças imaginam, planejam, exploram livremente materiais como tecidos, sucatas, conectores, botões, lápis de cor, entre outros, criam soluções que são compartilhadas com os colegas, refletem sobre suas experiências e aprendem que os erros fazem parte do caminho. E tudo isso, claro, a partir de um espírito lúdico!

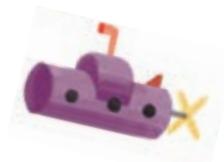
Na Aprendizagem Criativa, a criança é o centro do processo educativo e o professor atua como um mediador, observando, incentivando e orientando o trabalho. Além disso, entendemos os professores como designers dessa experiência do aprender criativo. Resgatamos o prazer em aprender, a liberdade de explorar, experimentar e trocar ideias, estimulando as crianças a explorar elementos, espaços, hipóteses, interações à sua volta, de maneira intencional e lúdica. A abordagem favorece o protagonismo dos estudantes na aprendizagem, por meio de atividades relevantes e mão na massa que promovem o trabalho significativo, colaborativo e lúdico.

Além de apresentar a você o Programa Faber-Castell de Aprendizagem Criativa na Educação Infantil, a revista que chega agora em suas mãos conta com experiências práticas de escolas parceiras da Faber-Castell que utilizam o Programa para crianças de três a cinco anos. Ademais, convidamos especialistas para compartilhar seus saberes sobre a primeira infância e como o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças podem ser potencializadas com a Aprendizagem Criativa.

Caro (a) leitor (a), venha conosco conhecer uma maneira lúdica e instigante de trabalhar a Aprendizagem Criativa na escola e energizar criativamente estudantes e professores ultrapassando os limites da sala de aula.

Boa leitura!

Carolina Luvizoto – Gerente de Educação Faber-Castell



De onde vem a Aprendizagem Criativa?

O mundo mágico das Aventuras Criativas é baseado na abordagem educacional da Aprendizagem Criativa, desenvolvida por Mitchel Resnick, diretor do grupo de pesquisa Lifelong Kindergarten (ou Jardim de infância para a vida toda), do Media Lab do MIT (Massachusetts Institute of Technology). A Aprendizagem Criativa nasceu inspirada nas ideias construcionistas do educador Seymour Papert, também do MIT, e tem como foco a construção de ambientes de aprendizagem centrados em quatro dimensões principais, os “4 Ps da Aprendizagem Criativa”:

Projetos

As crianças aprendem melhor quando estão envolvidas na criação de algo que pode ser compartilhado. Independentemente de ser um produto físico ou virtual, como um carro de madeira, uma corrente da amizade, um programa de computador ou até mesmo uma apresentação teatral.

Paixão

A investigação movida pela paixão promove engajamento e, por isso, é muito mais produtiva. Ao focar em assuntos relevantes para elas, as crianças tendem a persistir diante de dificuldades e a relacionar tudo o que aprendem com outros aspectos das suas vidas.

Pares

Para que os projetos sejam significativos, é preciso haver interações sociais positivas. Quando trabalham em projetos individuais e colaborativos em um ambiente harmonioso, as crianças têm mais facilidade de compartilhar suas ideias e os processos de criação.

Pensar brincando

O aprendizado precisa envolver experiências divertidas, como experimentar coisas novas, manipular diferentes materiais, arriscar e testar limites. A brincadeira amplia o horizonte do que está sendo ensinado, estimula explorações mais profundas e estabelece conexões mais complexas com os objetivos da aprendizagem. O pensar brincando deve ser uma atitude, não uma atividade.

A equipe do Lifelong Kindergarten pesquisa o Construcionismo proposto por Seymour Papert¹ e a Aprendizagem Criativa há mais de cinco décadas – entre as mais conhecidas ferramentas criadas, estão as linguagens de programação Logo (as crianças desenhavam na tela a partir de comandos dados para uma tartaruga e assim interagem com noções espaciais, de ângulo, distância, estética, geometria, de uma maneira lúdica e exploratória) e o Scratch (possibilita a criação de jogos e incentiva a colaboração e a troca de ideias de jovens do mundo todo, com mais de 50 milhões de projetos publicados).

Mas, para além das ferramentas digitais, a Aprendizagem Criativa aposta no uso de materiais diversos e simples, como papelão, massinha, tecido ou madeira, para transformar as salas de aula em micromundos, ambientes ricos e apropriados para que a construção e a exploração sejam os direcionadores do aprendizado.

No Programa de Aprendizagem Criativa Faber-Castell para a Educação Infantil os micromundos se tornaram Aventuras Criativas, um convite para explorações enriquecedoras, com espaços para compartilhamentos de sentimentos e sensações, em que as crianças ficam livres para se expressar. As Aventuras contam também com kits para as famílias desenvolverem explorações e brincadeiras com as crianças em casa. No kit há lâminas explicativas e os materiais necessários para as brincadeiras. ■■

¹ Seymour Papert foi um matemático, professor do MIT, e que trabalhou com Jean Piaget. Na década de 1960, Papert já propunha o uso da robótica na educação e programação com crianças – ele colocava o aprendiz como centro do processo, usando a tecnologia como forma de se expressar e explorar ideias no mundo.

FOTO: MARCIO MECCA



Dicas de leitura

Para saber mais sobre a Aprendizagem Criativa, leia *Jardim de Infância para a vida toda – Por uma aprendizagem criativa, mão na massa e relevante para todos*, de Mitchel Resnick. No prefácio do livro, Leo Burd diz: “A Aprendizagem Criativa busca um modelo educacional adequado ao nosso tempo. Um modelo que, inspirado em práticas pedagógicas lúdicas e engajantes para todas as idades, nutra pensadores criativos, pessoas felizes que se sintam confortáveis para enfrentar questões abertas, colaborar com gente diferente e lidar criativamente com os recursos ao seu redor.”

OUTRAS DICAS PARA QUEM QUER ESTUDAR MAIS SOBRE CRIATIVIDADE:

- Imaginação e criação na Infância – Lev S. Vigotski
- Roube como um Artista – Austin Kleon
- Flow – A Psicologia do alto desempenho e da felicidade – Mihaly Csikszentmihalyi
- Grande Magia – Vida criativa sem medo – Elizabeth Gilbert
- O Poder inovador da diversão – Steven Johnson
- Criatividade S.A. – Superando as forças invisíveis que ficam no caminho da verdadeira inspiração – Ed Catmull

NATALIE



NATALIE
CATLETT

e

LEO
BURD



LEO



Dois dos criadores das Aventuras Criativas falam dos princípios do Programa de Aprendizagem Criativa desenvolvido para crianças de três a cinco anos, um convite à curiosidade e ao prazer de aprender através de atividades mão na massa.



Programa de Aprendizagem Criativa Faber-Castell começou a ser adotado em 2017 com alunos do Ensino Fundamental Anos Iniciais. A Aprendizagem Criativa é uma abordagem baseada em conceitos como o compartilhamento de ideias e a colaboração, o envolvimento dos alunos em projetos significativos para eles, a criatividade e a compreensão crítica.

Em julho de 2019 começou a ser formatado o Programa para a Educação Infantil. No lugar dos micromundos – que apresentavam para os alunos do Fundamental um enredo disparador e um conjunto de estações de atividades com experimentação de diferentes ferramentas, materiais e ideias associadas ao tema central – foram desenvolvidas para as crianças de três a cinco anos as Aventuras Criativas. São oito aventuras para cada idade, cada aventura com quatro atividades sugeridas, chamadas de Explorações, com experiências lúdicas, reflexivas e artísticas. Todas as atividades foram criadas por educadores com vivência em Educação Infantil e estão totalmente alinhadas com os campos de experiências propostos pela BNCC (Base Nacional Comum Curricular) – e foram testadas em escolas brasileiras.

Leo Burd e Natalie Catlett foram dois dos educadores que trabalharam na construção do novo material. Leo é pesquisador do Media Lab do MIT (Massachusetts Institute of Technology) e integra o grupo Lifelong Kindergarten dirigido pelo professor Mitchel Resnick, que propôs a Aprendizagem Criativa como filosofia educacional a partir das ideias do matemático e educador Seymour Papert. Também é diretor da Creative Learning Company, projetando experiências de Aprendizagem Criativa para professores, estudantes e organizações. Natalie sempre foi apaixonada pelo universo infantil. Formada em artes pelo Pratt Institute, com Mestrado em Educação pela Tufts University e University of Pennsylvania, trabalhou na área de livros infantis em grandes editoras, como a Simon & Schuster, e no canal Nickelodeon. Há vários anos dedica-se ao ensino das artes e criatividade para crianças. Trabalhou em escolas bilíngues como professora e consultora de integração das artes. Atualmente, Natalie mora em Atlanta, nos Estados



Unidos, onde atua como educadora e diretora de *design thinking* em uma escola privada.

Leo e Natalie comentam que todas as Aventuras Criativas têm sugestões de materiais para serem usados nas explorações. “Todas as atividades do Programa são mão na massa. Há muita criação, a criança se expressa com o uso de diferentes materiais. As ideias não ficam só na imaginação. Mas não há a expectativa de que essa criação infantil seja algo que o adulto associe a uma produção finalizada”, explica Leo Burd.

Natalie acrescenta que todas as Aventuras incluem explorar, criar, imaginar, compartilhar. “O engajamento da criança é maior com o material não estruturado. Pensamos no ambiente como terceiro professor, um conceito de Reggio Emilia, e a criança tem mil possibilidades”, diz. Natalie comprovou sua ideia com um trabalho que realizou para seu mestrado: ela realizou entrevistas com 80 pais durante a pandemia. “Reuni mais de 300 páginas documentadas de respostas muito elaboradas. Uma das maiores críticas que os pais fizeram às escolas, especialmente durante a pandemia, foi a dificuldade em engajar as crianças nas atividades estruturadas. O tempo de dedicação e de comprometimento era sempre muito pequeno. Os pais também citaram que as atividades menos estruturadas, mais abertas, com mais possibilidades e mão na massa, como arte, literatura, música, movimento corporal, dança, construção, eram as que mais

engajavam as crianças”, conta Natalie.

Para Leo, precisamos lembrar o quanto é importante levar essas atividades para a escola. “Deixar as crianças sentadas, escutando o professor, não é nem apropriado para essa faixa etária da Educação Infantil nem adequado em relação ao que esperamos para o futuro das crianças.”

Nesta entrevista para a revista de Aprendizagem Criativa Faber-Castell, Natalie e Leo falam das Aventuras Criativas do Programa de Aprendizagem Criativa, que são um caminho para a criação e a exploração livre das crianças. Acompanhe.

REVISTA DO PROGRAMA DE APRENDIZAGEM CRIATIVA FABER-CASTELL – COMO SURTIU O PROGRAMA DE APRENDIZAGEM CRIATIVA PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL?

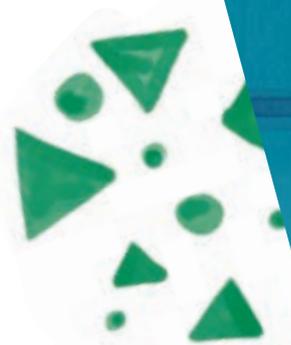
LEO BURD – O Programa de Aprendizagem Criativa da Faber-Castell foi implantado inicialmente para o Ensino Fundamental Anos Iniciais e depois surgiu a demanda da própria Faber-Castell Educação de desenvolvê-lo para a Educação Infantil. Sempre acreditamos, e continuamos acreditando, que a Aprendizagem Criativa se encaixa mais naturalmente na Educação Infantil do que nos outros segmentos da Educação Básica. Essa abordagem foi inspirada nas ideias do Jardim de Infância. O trabalho mais artístico, exploratório, livre, mão na massa, sempre foi associado aos anos iniciais da Educação.

“Deixar as crianças sentadas, escutando o professor, não é nem apropriado para essa faixa etária da Educação Infantil nem adequado em relação ao que esperamos para o futuro das crianças.”





FOTO: ACERVO FABER-CASTELL



Mas temos vontade de expandir esse material para todas as fases da Educação.

O que vemos nas escolas é que a Educação Infantil está sofrendo uma grande pressão. Muitas atividades exploratórias estão perdendo espaço e são trocadas por uma pressa enorme pela alfabetização, pelo aprendizado da matemática formal. As escolas são movidas pela preocupação dos pais com o futuro dos filhos, com empregos e o acesso às universidades, quando acreditamos no inverso: que a Educação Infantil deveria se expandir para outras fases do sistema educacional ao invés de perder espaço para a escolarização formal. Aliás, esse é o tema do trabalho de Mitchel Resnick, diretor do grupo de pesquisa *Life-long Kindergarten*, do Media Lab do MIT, e retratado em seu livro *Jardim de Infância para a vida toda – Por uma aprendizagem criativa, mão na massa e relevante para todos*. Ainda bem que a Faber-Castell investiu nesse material para ajudar a manter vivo o espírito criativo desses anos iniciais da escolarização.

NATALIE CATLETT – Vemos cada vez mais uma precipitação em relação à Educação Infantil. Nos Estados Unidos usamos os termos *child centered* e *student centered learning* (focado na criança e aprendizado focado no estudante). Parecem a mesma coisa mas não são. O termo *child centered* foca na concepção da criança como um ser criativo que vai muito além de um aluno em uma sala de aula.

As crianças da Educação Infantil estão numa fase própria do seu desenvolvimento pessoal. Elas têm suas capacidades e interesses próprios – e isso muitas vezes é

ignorado. A pressão de transformar a criança em um adulto faz com que ela seja vista como um adulto incompleto, mais pelas suas deficiências do que pelo poder de desenvolvimento que possui. Elas são seres por si mesmas, com uma visão de mundo, com interesses e habilidades.

LEO BURD – Não devemos ver a Educação Infantil como uma fase para moldar a criança de acordo com uma visão educacional que está totalmente desalinhada com as necessidades e a realidade do mundo moderno – é uma visão de educação que inibe a expressão, a criatividade, a curiosidade, o prazer de aprender, a autonomia.

QUAIS OS DIFERENCIAIS DO PROGRAMA DE APRENDIZAGEM CRIATIVA PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL?

NATALIE CATLETT – Todos os colaboradores que trabalharam na confecção do material são professores com muita experiência em Educação Infantil e que acreditam em uma proposta de Educação mais criativa. Todos trabalham em escolas consideradas bem progressistas e referências nesse segmento. Focamos no ambiente como terceiro professor, que é um conceito de Reggio Emilia mas que também se conecta muito com os micromundos da Aprendizagem Criativa. Ou seja, usar o ambiente como um lugar de aprendizagem, e que não é necessário sempre ter uma interferência direta do professor. O próprio espaço tem vida. No lugar de micromundos, usamos o nome de Aventuras Criativas no Programa para Educação Infantil.



FOTO: MARCIO MECCA

Cada aventura tem uma temática. Em cada tema, como podemos despertar o interesse da criança? Trabalhamos com espaço de leitura, maquetes ou materiais não estruturados, por exemplo, mas que tenham alguma conexão com a temática. Quando a criança vivencia a aventura, ela tem várias conexões no espaço físico.

Inserimos também Rotinas de Pensamento, que foram desenvolvidas pelo Project Zero, da Universidade de Harvard. As Rotinas de Pensamento são estruturas simples, por exemplo, um conjunto de perguntas ou uma pequena sequência de etapas. Elas são adequadas para alavancar o pensamento visível e o processamento ativo de ideias e podem ser transferidas facilmente para qualquer contexto.

Foram projetadas para serem fáceis de lembrar, práticas que instigam uma ampla gama de processos mentais. Como a arte pode ter um papel mais significativo na escola? Inserindo as rotinas, que abrem espaços de diálogo entre os alunos.

E todas as experiências vivenciadas dentro das Aventuras Criativas têm uma conexão com o tema. Ao invés de a criança ter uma vivência única, ela tem experiências vindo de vários lugares diferentes, sempre aprofundando mais dentro do tema.

LEO BURD – Por isso o Programa tem, em cada Aventura Criativa, uma série de Explorações, conectadas por esse tema maior. Para a faixa etária de três a cinco anos, atendida pelo Programa, tínhamos receio de usar um trabalho baseado em projetos dentro das Aventuras, porque acreditamos que nessa idade as

crianças ainda não têm apego a um projeto finalizado, a algo mais acabado. É uma fase onde as ideias são mais fluidas, a criança se permite mudar de caminho ao longo do processo. Elas juntam materiais e imaginam uma nova ideia, e isso é muito rico em relação ao desenvolvimento da criatividade. Não acredito em cobrar de uma criança de qualquer faixa etária, mas principalmente com os pequenos, um resultado da sua criatividade. “Mas o que você quer construir? Você não construiu aquilo que tinha imaginado no começo”, costuma falar o professor. Ter uma expectativa de produtos acabados é muito irreal para essa faixa etária. Quisemos enfatizar muito mais o aspecto exploratório da aventura do mundo da aprendizagem do que a produção de algo apresentável. Isso é um aspecto muito importante nesse trabalho.

E COMO ACONTECE A ATIVIDADE MÃO NA MASSA NAS AVENTURAS CRIATIVAS?

NATALIE CATLETT – A atividade mão na massa é central nesse material, pois ele foi inspirado e desenvolvido pensando nos 4 Ps da Aprendizagem Criativa. Um movimento, um gesto, uma dança, uma performance, são formas de arte. Toda Aventura inclui imaginar, explorar, compartilhar.

Em algumas Explorações convidamos os alunos a explorar a área externa da escola. Mas se a escola não tem uma área externa, o professor pode explorar



FOTO: RODRIGO ZAIM

“A Faber-Castell tem uma preocupação muito forte que as atividades sejam aplicáveis.”

formas de “trazer o espaço externo” para dentro da sala. Dentro da realidade de cada espaço, por que não colocar plantas em um cantinho da sala? A intenção é que não exista a aula de criatividade ou o espaço de criatividade separado do resto do dia. O sonho é que essas atividades sejam incorporadas na rotina, no dia a dia da escola, e que não sejam um acontecimento à parte. Que criatividade, expressão, colaboração, sejam o normal da escola e não a exceção.

LEO BURD – Discutimos a diferença entre o aprender para fazer e o fazer para aprender. A Aprendizagem Criativa foca no fazer para aprender. A partir da interação com o mundo, refinamos as ideias, aprendemos, descobrimos coisas. Enquanto na escola tradicional se enfatiza o contrário: é preciso assistir uma aula para ser capaz de fazer algo no mundo. Pelo próprio nível de desenvolvimento da criança de três a cinco anos, é muito difícil esperar que ela faça algo pré-determinado, a não ser que ela esteja copiando um modelo, o que não será significativo para a criança. Ela criou um produto, teve a mão na massa mas em termos de criatividade não foi importante. Por outro lado, se permitirmos a exploração dos materiais de forma mais livre, as ideias começam a surgir e a criança pode optar ou não por segui-las. Pode ser que a forma como ela expressa uma ideia seja diferente do que um adulto entenda. Mas para aquela criança esse objeto pode ser um pássaro mágico com mil poderes – isso é muito importante de se valorizar. Não devemos esperar que a criança veja o mundo com os olhos de um adulto mas que ela possa representar aquilo que ela enxerga, que ela percebe, de maneira mais livre.

QUAL O PAPEL DO PROFESSOR NESSE AGIR LIVRE DA CRIANÇA DA EDUCAÇÃO INFANTIL?

NATALIE CATLETT – Na elaboração do material pensamos no papel do professor como documentador. A criança pode ter uma experiência incrível, mas o resultado final não ser um produto tangível. Mas se

o professor documentar essa experiência através de fotos ou de falas com as crianças, aí ela terá um significado. Inserimos muito a importância da documentação no trabalho, do professor documentar uma experiência riquíssima com materiais não estruturados. No final da atividade todos aqueles materiais voltam para uma caixa mas aquela vivência existiu, aquele significado existiu, tudo existiu.

LEO BURD – Todo o raciocínio que a criança está colocando na construção daquela criação, as histórias que surgiram e as experiências que foram incorporadas fazem sentido para ela mesma, à medida em que ela vai construindo. Mas se só olharmos aquele produto final, ele será um bolo de massinha colorida, por exemplo, que se perde nessa interpretação final. Cada exploração tem o compartilhar, que é justamente o momento em que se incentiva a documentação, e as crianças refletem sobre o processo em si. Mas devemos lembrar que, ainda que a documentação seja importantíssima, o papel do professor vai muito além disso. Ele é quem arquiteta as dinâmicas da turma, adapta o ambiente, faz a mediação das interações e garante que os alunos aproveitem o máximo da atividade.

NATALIE CATLETT – Hoje, em Educação, quando falamos em boas práticas, a documentação é um dos assuntos mais discutidos. Documentação do processo, do que aconteceu nesse processo. No material, damos algumas dicas de documentação ao final de cada Exploração. Por exemplo, sente com seus alunos, mostre como foi o processo. Pode ser interessante dedicar uma parte da sala para todas as Explorações daquela Aventura contribuírem com o espaço. É o que chamamos de aprendizagem visível, expondo o que aconteceu naquela Aventura. E é impressionante como as crianças veem uma foto de meses atrás e essa imagem ativa a memória delas. Se realmente a aprendizagem foi significativa, a experiência ficará com elas.

QUAL A IMPORTÂNCIA DOS PROJETOS PILOTOS REALIZADOS COM A COLEÇÃO AVENTURAS CRIATIVAS?

LEO BURD – A Faber-Castell tem uma preocupação muito forte que as atividades sejam aplicáveis. O material foi testado em escolas no Brasil, com fotos de

todas as atividades na prática. Importante destacar que a equipe que criou as atividades já trabalhava em escolas com crianças dessa faixa etária.

NATALIE CATLETT – Eu acompanhei o projeto piloto no Colégio Santo Américo. Fizemos alterações a partir das experiências das crianças e das dificuldades observadas no piloto. Lembro de uma Aventura baseada no tema da cidade e as profissões. Não tivemos o engajamento esperado e mudamos então a temática para artefatos de profissões. A Aventura mudou completamente. As crianças ficaram superengajadas com o tema em diversas escolas. Por isso o piloto deve ser feito em várias escolas, comprovando ainda mais o trabalho e onde devemos fazer alterações.

A ABORDAGEM DESENVOLVIDA EM REGGIO EMILIA, NA ITÁLIA, É A GRANDE INSPIRAÇÃO PARA AS AVENTURAS CRIATIVAS?

NATALIE CATLETT – Há influências de outras abordagens: posso citar Montessori, a linha socioconstrutivista e Reggio Emilia. Mas friso que o ponto chave do material é a interdisciplinaridade: muita aprendizagem

está acontecendo, em várias áreas do conhecimento, nesse caldeirão que é a Aprendizagem Criativa.

LEO BURD – A Aprendizagem Criativa herda conceitos de todas essas abordagens. É um caldeirão realmente em que se misturam várias abordagens pedagógicas, mas todas com a visão maior de focar na expressão, na exploração lúdica, na colaboração, no respeito. Os próprios fundamentos da Aprendizagem Criativa surgem explicitamente dessas teorias e de outras experiências. E vamos além das influências históricas: o MIT colabora diariamente com educadores de Reggio Emilia, há projetos desenvolvidos em parceria. Ambas as instituições são formadas por pessoas que acreditam em uma educação humanista, que faça sentido para o aluno e para o mundo de hoje. Por exemplo, Reggio está tentando entender como incorporar tecnologia digital no seu trabalho com crianças pequenas. É claro que a tecnologia faz parte do mundo, mas que tecnologia faz sentido com os princípios que os educadores de Reggio acreditam? Certamente não será colocar o computador na frente da criança. Mas pode-se trabalhar com luzes e cores, com sons, com sombras, repetição de padrões, interatividade, movimentos autônomos, itens que enriquecem a experiência. Nenhuma metodologia está morta, elas se aprimoram com o tempo. ■■



A CRIATIVIDADE ENVOLVE OS ALUNOS PELA IMAGINAÇÃO



PROGRAMA

aprendizagem criativa

O Programa de Aprendizagem Criativa da Faber-Castell oferece um conjunto de estratégias que estimulam o trabalho em equipe e possibilitam o desenvolvimento pessoal e criativo dos alunos.

Entre em contato através do e-mail:
aprendizagem.criativa@faber-castell.com.br

ou acesse o nosso site:
educacao.faber-castell.com.br/aprendizagem-criativa/

AVENTURAS CRIATIVAS EM AÇÃO



A Coleção Aventuras Criativas do Programa de Aprendizagem Criativa Faber-Castell propõe, para crianças e educadores da Educação Infantil, um mundo de criatividade, explorações, reflexões, construções e brincadeiras.

Um mundo em constante transformação exige de seus educadores abordagens educacionais diferenciadas, que incentivem as crianças e jovens a explorar, a trabalhar colaborativamente, buscando soluções criativas e sendo coautores de sua aprendizagem. O novo programa da Faber-Castell para Educação Infantil, com a coleção Aventuras Criativas, traz justamente para esse segmento da educação os princípios da Aprendizagem Criativa.

Para cada faixa etária (três, quatro e cinco anos) foram desenvolvidas oito Aventuras Criativas, cada uma com quatro sugestões de Exploração – e cada uma delas subdividida em oito seções: Introdução, Preparação do ambiente, Canto dos livros, Imaginar, Explorar, Compartilhar, Galeria de trabalhos e Suas ideias. As Explorações incluem experiências lúdicas, reflexivas e artísticas. As estratégias utilizadas ao longo das Explorações são variadas, mas sempre conduzidas

por meio de um intenso processo de construção e compartilhamento de ideias, em que as crianças são estimuladas a interagir umas com as outras e a se expressar de maneira livre.

A Aventura Criativa Clima de Amizade, indicada para crianças de cinco anos, é a preferida da educadora Natalie Catlett, que trabalhou na construção do material de Aprendizagem Criativa para a Educação Infantil.

Nessa Aventura Criativa, os alunos aprendem sobre as diferentes estações do ano a partir do universo do Sr. Urso e da Sra. Preguiça. Os personagens são dois amigos de longa data que vivem em lugares muito diferentes e distantes um do outro. O Sr. Urso, com seu casaco peludo natural, vive no Polo Norte, e a Sra. Preguiça mora na floresta tropical brasileira, onde passa a maior parte de seus dias de cabeça para baixo. Apesar da distância, Sr. Urso e Sra. Preguiça sempre encontram tempo para se ver.

A partir da história, as crianças fazem explorações relacionadas a amizade e as estações do ano, ampliando





FOTOS: MARCIO MECCA



seus conhecimentos sobre dois animais que vivem em habitats com climas distintos. Por meio de brincadeiras de faz de conta e criações diversas, refletem sobre os diferentes climas e as características das estações do ano. “Cada Aventura Criativa tem um tema gerador que esperamos que seja do interesse das crianças. Nesse caso específico da aventura do urso polar e do bicho preguiça há uma história. E mesmo com uma história como base, o trabalho está aberto para a criatividade das crianças. Por exemplo, o urso polar chega no Brasil e ele não está acostumado com o calor, então as crianças criam uma máquina de sorvete. Em outra Exploração, criam roupas para o inverno e para o verão”, cita Natalie.

Leo Burd, também autor do material, lembra das Aventuras no Jardim Encantado, proposta para crianças de quatro anos e que foi a primeira Aventura escrita pela equipe. Leo comenta que cada Aventura tem um *storyline*, uma temática. “É como um começo de história, um convite à exploração e à criatividade, um incentivo à curiosidade das crianças”, diz. A partir da história de uma garotinha que ao observar cada vez mais de

perto um jardim encontrou diversas formas de vida, as crianças são convidadas a fazer uma exploração e também a olhar a natureza atentamente. “É uma história que dá asas à imaginação”, completa Leo.

LIBERDADE DE EXPRESSÃO

E foi a unidade das Aventuras no Jardim Encantado que recentemente a professora Adrienne Travaglini Pinho Sene desenvolveu com sua turma de quatro anos do Jardim 1 do **Colégio Santo Américo**. Adrienne comenta que o foco da Aventura tinha tudo a ver com o projeto semestral, com o tema Animais, trabalhado com as



FOTO: COLÉGIO SANTO AMÉRICO



No Colégio Santo Américo, crianças viveram as Aventuras no Jardim Encantado. Com as fantasias que confeccionaram, se transformaram em insetos e fizeram um passeio pelo bosque, registrado em fotos.

crianças no primeiro semestre de 2021. “A partir de uma sessão de cinema com o filme Vida de inseto, surgiu a ideia de ser inseto por um dia. Que inseto elas gostariam de ser? Elas confeccionaram fantasias e depois fizemos um passeio pelo bosque da escola. Foi uma experiência muito rica”, conta Adrianne.

Uma das professoras registrou a atividade em fotos, do alto de um dos edifícios do colégio, possibilitando abordar com as crianças noções de espaço e perspectiva. Ainda fez parte da Aventura a criação de um jardim, com o uso de diversos materiais, e o plantio de grãos de feijão. A escola conta com um espaço privilegiado no bairro do Morumbi, em São Paulo, com uma extensa área verde. Fazem parte da rotina a contação de histórias no bosque, as atividades de arte nas áreas externas e a investigação da natureza, por exemplo. As crianças também utilizam a Sala Maker CSA (Criatividade Sempre Ativa), especialmente projetada para a nova proposta de Aprendizagem Criativa.



FOTO: COLÉGIO SANTO AMÉRICO

A coordenadora pedagógica Sabrina Almeida Ribeiro explica que o Santo Américo adotou em 2019 o Programa de Aprendizagem Criativa da Faber-Castell para os anos iniciais do Ensino Fundamental. “Em 2021 iniciamos um projeto bilíngue na Educação Infantil, e o Programa de Aprendizagem Criativa com as Aventuras Criativas em inglês casou perfeitamente com o nosso projeto, de ensinar a língua por meio das Explorações, e não em aulas expositivas”, explica Sabrina.

Para a professora Adrianne, a Aprendizagem Criativa respeita e estimula as crianças, traz possibilidades para elas: “Eu estou encantada com essa abordagem e tem sido uma



FOTO: THE JOY SCHOOL





honra participar do Programa. Acrescentou muito para as crianças, porque a aprendizagem faz sentido para elas. Desenvolvemos projetos a partir da curiosidade dos estudantes.” Os alunos aprendem que têm liberdade para se expressar por meio de desenhos, pinturas, colagens e esculturas, atuando com independência e confiança. O trabalho cooperativo também reforça a ideia de empatia e o respeito ao outro. “A habilidade de formular hipóteses e comprová-las por meio da observação da natureza está sempre presente em nosso planejamento”, completa.

PROJETO MOTIVADOR

Aspectos socioemocionais do desenvolvimento infantil também podem ser trabalhados através das Aventuras Criativas. A professora Aline Picciano, da **The Joy School**, escola bilíngue localizada em Jundiaí, percebeu uma nítida mudança de comportamento de um aluno em relação a seu cabelo. “Em uma aula *on line*, cada aluno conversou sobre o que mais gostavam nele e nos amigos. E uma das crianças ficou muito

Na The Joy School, o Programa de Aprendizagem Criativa conversa com a metodologia da escola. Com as Aventuras Criativas, crianças passaram a entender melhor suas limitações e a criar livremente.





FOTOS: THE JOY SCHOOL

surpresa e feliz ao perceber que o que os amigos mais gostavam nela era justamente o cabelo! A partir daí ele começou a gostar do seu cabelo também”, recorda Aline. A atividade fez parte da primeira exploração da Aventura Criativa Meus superpoderes, nossos superpoderes, com a Exploração De dentro para fora.

Para Larissa Ramires de Moraes, coordenadora pedagógica da The Joy, o Programa da Faber-Castell reforçou muitos aspectos já trabalhados pelo projeto pedagógico da escola na Educação Infantil. “Os ideais da nossa metodologia e o Programa conversam muito. Por exemplo, a solução de problemas de forma criativa, trabalhar em equipe, o olhar individual para o aluno. A Aprendizagem Criativa está possibilitando que tudo seja abordado de forma ainda mais profunda e significativa para as crianças”, pondera.

Neste primeiro ano utilizando as Aventuras Criativas, a The Joy optou pela versão em português para uma adaptação da equipe ao



material. “Em 2020 começamos a usar a Aprendizagem Criativa no Ensino Fundamental. Em 2021 iniciamos na Educação Infantil e ainda tivemos que adaptar para o ensino remoto pela pandemia. O objetivo é em 2022 utilizar as Aventuras Criativas em inglês”, explica a diretora da escola, Lilian Hidalgo.

Mesmo com o trabalho em fase inicial, e com uma parte das crianças no ensino *on line*, para as educadoras da The Joy já são nítidos os progressos dos alunos com a Aprendizagem Criativa. A coordenadora Larissa acredita que a prática dos professores se transformou. “Guiamos as crianças porém de forma mais aberta, sem limitar a criatividade, para que elas construam seu conhecimento.”

A diretora Lilian complementa: “Com as Aventuras Criativas, não existe certo e errado, ou o mais criativo e o menos criativo. Os pequenos percebem que podem usar todos os materiais e criar da maneira que

quiserem, sem seguir um padrão.” A professora Aline notou algumas mudanças no comportamento da sua turma de crianças de quatro anos. Em outras atividades da rotina escolar, elas buscam o uso de materiais



diferentes, como criar com massinha, por exemplo, indo muito além dos desenhos no papel. E ainda passaram a aceitar e entender melhor suas limitações. Um dos estudantes tinha muita dificuldade para desenhar e acreditava que não sabia retratar pessoas. “Hoje ele não fala mais que não quer fazer porque não sabe desenhar. Ele percebeu que pode fazer do seu jeito. Os colegas pararam de criticar o outro, de apontar que o amigo está rabiscando, que não está desenhando o que a professora pediu. Depois da Aprendizagem Criativa, mostramos que há diferentes formas de se expressar”, aponta Aline.

Com as Aventuras Criativas, a professora também notou a importância da ambientação para a imersão no tema. Todos os espaços da escola são utilizados nas Explorações: a sala maker, a brinquedoteca, o parque, as árvores do jardim. Na brinquedoteca montaram um totem com diferentes pernas, pés, troncos e cabeças. “Eles perceberam se divertindo que está tudo bem em ser diferente”, acredita Aline. O preparo da poção mágica, com direito a professora transformada em bruxa, aconteceu na mesa de piquenique e na casinha, que ficam no



FOTOS: THE JOY SCHOOL



parque da escola. “As crianças ficaram cada vez mais imersas nesse Micromundo dos super-heróis e da bruxa. Criaram suas poções com seus superpoderes e depois fizemos uma superpoção que fica em nossa sala. Quando se sentem tristes, usam essa superpoção para se sentirem melhor!”, relata a professora.

Para as educadoras da The Joy, o Programa foi motivador para as

crianças e para toda a comunidade escolar. “As Aventuras Criativas propõem uma abertura para a ludicidade, e se tornam inspiradoras para as crianças, professores e também refletem nas famílias, o que é muito enriquecedor”, concluem. ■■



Entendendo e avaliando a Criatividade



FOTO: MARCIO MECCA

Com formação em Design gráfico, desde sua graduação Thiago Grignon buscou explicações para entender como as pessoas criam. Descobriu os vínculos entre Design e Educação, se especializou em Neurociência aplicada à Educação e mergulhou nas teorias da Pedagogia. Voltou seu olhar então para

o estudo da fobia criativa – o medo de criar, resultado da falta de experiências criativas, desde a infância até a fase adulta, que incentivem a confiança criativa. “Se a nossa educação é muito pautada em experiências extremamente conteudistas, voltadas para o resultado, onde sempre existe um certo a ser alcançado, desenvolvemos medos – desde o medo de olhar para a folha em branco, de misturar materiais ou de dar uma ideia diferente do seu grupo, até o medo de revolucionar a conduta de uma empresa”, aponta. Mas, para Thiago, a criatividade não

depende de algo extraordinário mas de mergulharmos num lugar mágico. Uma planilha de Excel, comenta, pode ser tão criativa quanto um quadro de Van Gogh. E exercer a criatividade independe da atuação profissional. “Não é preciso pintar uma tela nem revolucionar o mercado para ser criativo. A forma de você lavar a louça e colocar no escorredor, por exemplo, é criatividade. Todos nascemos criativos. E essa criatividade não necessariamente voltada apenas para grandes ideias, mas sim, a capacidade de exercer mudanças e causar a diferença”, comenta.



FOTO: RODRIGO ZAIM

Os estudos sobre criatividade e inovação levaram Thiago a coordenar o curso de pós-graduação em Criatividade e ambiente complexo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). Nesta entrevista à Revista Faber-Castell, ele aborda as definições de criatividade e como é possível avaliar criatividade, tendo como foco que é na primeira infância que a confiança criativa se fundamenta.

COMO DEFINIR CRIATIVIDADE?

THIAGO GRINGON – Mel Rhodes acredita que precisamos de quatro dimensões para entender a criatividade. Ou seja, olhar para quatro vertentes diferentes, que são complexas e se misturam muito: o **produto** criado, seja tangível ou intangível; a **dimensão do processo** (como as coisas são realizadas e com que recursos); a terceira dimensão fala sobre a **pessoa criadora e criativa**; e a quarta dimensão de Rhodes é o **ambiente**: tudo ao redor, o ambiente físico e o ambiente invisível, ou

seja, o clima, seja o clima organizacional de uma empresa, seja o clima pró-criatividade dentro de uma sala de aula. Podemos falar que um sistema educacional mais pautado em conteúdo terá poucas brechas para a criatividade; um sistema educacional pautado na exploração proporciona um ambiente de investigações mais interessante, logo, uma criatividade que flui melhor.

A partir dessas quatro dimensões Rhodes observa como a criatividade acontece. E refletimos: é preciso definir ou observar a criatividade? Aí há o grande paradoxo sobre o estudo da criatividade: quanto mais definimos, mais limitamos; quanto mais observamos, mais subjetivo fica. Temos que fazer esses dois contrapontos acontecerem ao mesmo tempo. Como pesquisador da criatividade eu a defino como interação com o ambiente. Ou como interagimos com o universo, com o mundo ao redor, entendendo os estímulos, compreendendo quais desafios precisamos resolver, como utilizamos os recursos, seja para expressar uma ideia, para

solucionar um problema ou ajudar que um sistema mude.

E CRIATIVIDADE PODE SER AVALIADA?

THIAGO GRINGON – Entendo que sim, podemos avaliar essa interação, como as pessoas estão lidando com os desafios, com as combinações de recursos, com as pressões do ambiente. Olhando para a atividade de criar, consigo determinar indicadores, ou até observáveis. Eu consigo pautar numa curva de tempo o desenvolvimento da criatividade. De uma maneira mais global, podemos medir a confiança criativa. Ou seja, se as pessoas estão interagindo, se estão mais confiantes ou menos confiantes criativamente. A principal variável, na minha visão, é a confiança, você se sentir empoderado para fazer aquilo que deseja frente ao ambiente em que está.



COMO ESTIMULAR A CRIANÇA NA PRIMEIRA INFÂNCIA A DESENVOLVER A CRIATIVIDADE? E QUAIS COMPORTAMENTOS DA CRIANÇA PODEM SER INCENTIVADOS?

THIAGO GRINGON – Para responder essa pergunta é importante entendermos o ciclo de criatividade de Ken Ronbinson, autor do livro *Todos somos criativos*. Ken fala que a criatividade possui um ciclo pautado em três grandes ações que podem ser estimuladas nas crianças, principalmente na primeira infância. A primeira ação é a imaginação. Sabendo que na primeira infância a criança está no auge do fantástico, precisamos incentivar sua imaginação: contar histórias, fazendo que os animais ganhem vida, que ela mergulhe no universo fantástico, que ela brinque muito, que interprete papéis. Na primeira infância a imaginação precisa ser estimulada, e sabemos que esses elementos irão compor a base de suas ideias quando ela estiver nos anos finais do Fundamental, no Ensino Médio e até na vida adulta. Se ela não imaginar na primeira infância, ela terá dificuldades de imaginar na vida adulta.

A segunda ação é a criação: a criança precisa ser estimulada a criar com as mãos e com o corpo. Rabiscar em diferentes superfícies, desenhar no papel, fazer construções. Se ela imaginou uma história, convide-a a desenhar. Por mais que sejam garatujas, faça com que ela consiga tangibilizar o que está em sua cabeça. Construir com Lego®, com massinha, com

argila, com sucata, da maneira dela. Essas construções irão fazer com que ela interaja com esses recursos. Como na primeira infância está se desenvolvendo a psicomotricidade, quanto mais ela mexe com o corpo, quanto mais desenvolve sua psicomotricidade global, melhor será seu desenvolvimento da psicomotricidade fina: saber colar, cortar, escrever. A criação na primeira infância faz com que a criança explore todas as possibilidades de linguagem: cortar, colar, empilhar, brincar com música. A criação é a ação de dar formas para as ideias. Quanto mais ela explorar na primeira infância, mais elementos sobre esta ação ela vai levar para as próximas idades.

E chegamos à terceira ação, a inovação: a ação de gerar valores para o outro. Na primeira infância a criança ainda não entende perfeitamente quem é ela e quem é o outro. Mas ela pode começar a refletir sobre qual é a sua ação frente a família, aos seus bichinhos de pelúcia, aos amigos imaginários, estimulando-a a pensar no outro. Ela percebe que pode criar coisas para alegrar, para resol-

ver um problema, para divertir outras pessoas. Incentivamos assim a criança a observar o mundo e até a ser um pouco mais empática. Ela entende que não está sozinha no mundo e que sua ação criativa pode surtir algum efeito, ela pode interferir naquele ambiente.

Quanto ao que pode ser incentivado, sem dúvida incentivar comportamentos criativos na primeira infância é incentivar a criança a ser criança. Eu trabalho com seis comportamentos na primeira infância:

- 1- A iniciativa: incentivar a criança a explorar, a sair da “zona de conforto”, que ela explore o quarto, o parquinho, a sala de aula, que ela arrisque mais, que brinque bastante e enfrente os medos frente ao desconhecido que está ao seu redor.
- 2- O entusiasmo: a criança não só precisa enfrentar coisas novas mas experimentá-las. Experimentar novos gostos, novas roupas, novos brinquedos, novas formas de se divertir. A primeira infância é muito



FOTO: RODRIGO ZAIM



FOTO: MARCIO MECCA



OS ESPAÇOS DA ESCOLA INFLUENCIAM NO MAIOR OU MENOR DESENVOLVIMENTO DA CRIATIVIDADE?

THIAGO GRINGON – Influenciam muito. Principalmente para a primeira infância, a escola é o primeiro grande espaço fora da família. É nela que o choque de referências, de estímulos, acontece. É na escola que muitas das explorações, das expressões dessa criança se descobrem acontecem. Por mais que a família estimule, se a escola poda, ou cria ambientes mais limitados, extremamente assertivos, conteudistas, a criança perde algumas janelas de oportunidades do desenvolvimento cognitivo. Na primeira infância, a criança está criando caminhos que irão sustentar uma confiança criativa mais aflorada no futuro, e nesse sentido o espaço escolar influencia muito.

A escola deve deixar que a criança explore livremente, e apoiando suas investigações. E que seja a criança que ela deve ser, e a partir disso desenvolva a criatividade como um todo, seja comportamento, competência ou interação.

Pensar criatividade na primeira infância é pensar na criança como criança, é fazer com que ela se desenvolva plena, da melhor maneira, estimulando-a cada vez mais no tempo dela. Explorações que para nós adultos podem não fazer sentido, começarão a construir na criança o que chamamos do P de Paixão da Aprendizagem Criativa. Se ela não souber identificar curiosidades na primeira infância, não irá se desenvolver a longo prazo. ■■

rica em estímulos de entusiasmo. Não há brinquedos de meninos e de meninas. Ela deve brincar com tudo, explorar e ganhar repertório.

- 3- A determinação: incentivar a criança a não desistir e a enfrentar as dificuldades. Essas bases da determinação irão fazer com que lá na frente essa criança não desista fácil frente aos desafios.
- 4- A autenticidade: a criança ainda não desenvolveu toda sua personalidade, mas podemos ajudá-la a identificar do que gosta, do que não gosta e por quê. Se no entusiasmo ela está experimentando um novo sabor, na autenticidade vamos tentar com que ela entenda porque gostou ou não desse sabor. Isso ajudará a criança a construir uma personalidade autêntica, entendendo que ela é diferente dos outros e que isso é muito bom. Ela pode ter um cabelo, um tom de pele, um olho diferente e percebe que é incrível sermos diferentes.
- 5- A fluência: incentivar a criança a explorar linguagens e expressões criativas diferentes. Cantar, dançar, fazer artes, o que ela quiser, explorar maneiras diferentes de se expressar.
- 6- A intuição: é incentivar os por-

quês, a percepção de mundo, a curiosidade, a investigação.

É POSSÍVEL AVALIAR SEM CLASSIFICAR AS CRIANÇAS ATRAVÉS DE NOTAS OU OUTROS CONCEITOS?

THIAGO GRINGON – Acredito que sim. Eu entendo a importância de notas, conceitos, rubricas, mas acho muito importante não comparar as crianças entre si. É preciso ajudar as crianças e principalmente as famílias a entender aquela criança individual, criando um sistema de avaliação dela para ela mesma. Eu avalio uma criança frente a alguns parâmetros e depois comparo versões dela mesma. A avaliação da criatividade está em como a criança está interagindo com o mundo. Quanto mais ela interagir, melhor. Quanto mais ela diversificar as expressões, melhor. Mas se ela só faz uma coisa, num único formato, a criatividade fica extremamente limitada, canalizada. É nesse lugar que devemos observar a avaliação da criatividade na primeira infância. Notas e conceitos são importantes para olharmos o desenvolvimento dela, para ela e para as famílias, e não para compará-la com outras crianças.

IMAGINAÇÃO, FANTASIA, CRIATIVIDADE: CONTEÚDOS DA INFÂNCIA E DA EDUCAÇÃO INFANTIL

por Gabriel de Andrade Junqueira Filho



Há quem não leve as crianças a sério argumentando que tudo o que dizem é pura fantasia e imaginação, como se isso fosse nada, desconsiderando algo fundamental, uma vez que tratam-se de duas dimensões dentre as principais da nossa autoconstituição como humanos. Há os que se encantam com as crianças pela originalidade e criatividade com que (res)significam as coisas do mundo – o próximo, o cotidiano e até os de outros planetas. Mas há também quem entenda que o encontro das crianças com o conhecimento, com o outro, com o mundo só vale mesmo a partir da entrada delas nas convenções, nas formalizações, como aprender a ler e escrever, por exemplo.

Considera-se tudo o que veio antes coisa do canto da lara, não por acaso, jogada à morte no encontro das águas entre os Rios Negro e Solimões. Mas ela não morreu, como bem diz a lenda, e continua (en)cantando, desafiando a austeridade, a monocromia, a racionalidade de quem insiste nessa triste e monótona dicotomia.

Ouvir, aliás, é uma das portas de entrada para a imaginação, a fantasia e a criatividade. Olhar, contemplar, observar é outra porta que também leva até elas. E tem até uma ponte que é conversar – consigo mesmo e com os outros; quem não cruzá-la pode ter andado bastante, mas não chega lá. Seja pai, mãe, professora, professor, outras crianças da mesma idade ou quem quer que seja e de qualquer idade, é preciso estar consigo na companhia de alguém e conversar sobre o que se vê, ouve, observa, hipotetiza, imagina, realiza, produz – em diferentes linguagens.

Conversar é uma ponte que não



existe pronta, se faz pelas trocas, pelas realizações, pela cooperação, pela gentileza, empatia, humildade, bom-humor, generosidade, disponibilidade, atenção... Enquanto a ponte não se faz, o que se tem é margem, limite, insegurança, vão. O encontro com a alteridade possibilita a confiança para a travessia que leva à fantasia, à criatividade, à imaginação. E revela as potências dos sujeitos que se encontram e a potência do encontro desses sujeitos com a fantasia, a criatividade e a imaginação.

No currículo da Educação Infantil, fantasia, criatividade e imaginação são conteúdos fundamentais, expressos, representados, demarcados, veiculados, armazenados em toda e qualquer linguagem, nos diferentes momentos e situações da rotina – acolhida/despida, roda de conversa, de histórias, brincadeiras, higiene, lanche, pátio, desenho, pintura, recorte e colagem, modelagem, construções tridimensionais com diferentes elementos, música, dança, cinema, culinária, combinados, conflitos, investigações de natureza diversas.

Assim, damos visibilidade à potência e às aprendizagens realizadas no exercício do protagonismo comparti-

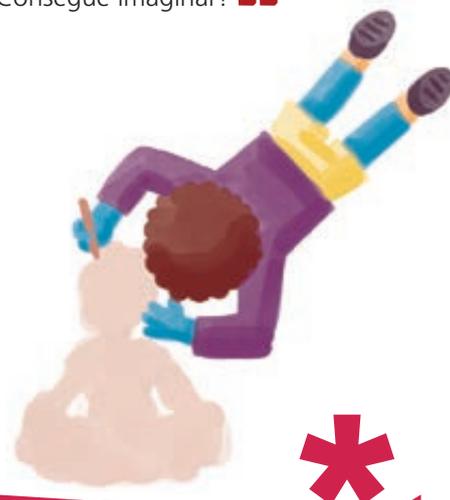
lhado entre as crianças, entre elas e suas professoras e professores e entre todos e o conhecimento do mundo. Fantasia, criatividade e imaginação são ao mesmo tempo portais que expandem fronteiras e criam horizontes e filtro, peneira, recortes de singularidades e assinaturas de leituras, recriações e atualizações do mundo. Funcionam como a preservação da floresta amazônica para a sobrevivência da espécie humana e do planeta Terra. Fantasia, criatividade e imaginação precisam ser conhecidas, estudadas, compreendidas, respeitadas, veneradas, recomendadas, cultivadas, preservadas já desde a infância, pelas crianças e seus responsáveis – como legado, autoconstituição e preservação da própria humanidade.

Quer conhecer uma criança? Garanta que ela se apresente expressando-se pela fantasia, pela criatividade, pela imaginação.

Quer a companhia das crianças, ser uma boa companhia para elas, conversar na língua delas para olharem e lerem juntos o mundo? Restaure na sua figura de adulto o fluxo da fantasia, da criatividade e da imaginação. Ele é ponto de encontro, via de mão dupla, passaporte com

visto, meio de transporte, de fruição, de interlocução.

Como é que se faz para restaurar esse fluxo? Acompanhe as crianças, observe-as, brinque, converse, faça coisas com elas, pergunte, conte histórias, acolha as perguntas delas, valorize suas produções e iniciativas, estimule sua autonomia, convide-as a participarem da vida da casa e da escola como protagonistas, como alguém que tem contribuições valiosas a fazer à vida comunitária... Consegue imaginar? ■■



Gabriel de Andrade Junqueira Filho é pedagogo, professor titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Área de Educação Infantil. Autor de *Linguagens geradoras: seleção e articulação de conteúdos em Educação Infantil* (Editora Mediação).

AS AVENTURAS CRIATIVAS E A BNCC

A Coleção Aventuras Criativas, do Programa de Aprendizagem Criativa Faber-Castell, está conectada ao currículo e à proposta da BNCC (Base Nacional Comum Curricular)

As Aventuras são sequências didáticas e estão subdivididas em quatro Explorações, possibilitando o desdobramento das Aventuras em diferentes momentos. O início de cada Aventura Criativa mostra ao professor como os temas trabalhados se conectam à proposta da BNCC e quais são os objetivos de aprendizagem daquela unidade.



FOTO: MARCIO MECCA

CRIANÇAS BEM PEQUENAS (3 ANOS)

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

- (EI02EO01) Demonstrar atitudes de cuidado e solidariedade na interação com crianças e adultos.
- (EI02EO02) Demonstrar imagem positiva de si e confiança em sua capacidade para enfrentar dificuldades e desafios.
- (EI02EO03) Compartilhar os objetos e os espaços com crianças da mesma faixa etária e adultos.
- (EI02EO04) Comunicar-se com os colegas e os adultos, buscando compreendê-los e fazendo-se compreender.
- (EI02EO05) Perceber que as pessoas têm características físicas diferentes, respeitando essas diferenças.
- (EI02TS02) Utilizar materiais variados com possibilidades de manipulação (argila, massa de modelar), explorando cores, texturas, superfícies, planos, formas e volumes ao criar objetos tridimensionais.
- (EI02CG03) Explorar formas de deslocamento no espaço (pular, saltar, dançar), combinando movimentos e seguindo orientações.
- (EI02CG05) Desenvolver progressivamente as habilidades manuais, adquirindo controle para desenhar, pintar, rasgar, folhear, entre outros.
- (EI02ET01) Explorar e descrever semelhanças e diferenças entre as características e propriedades dos objetos (textura, massa, tamanho)
- (EI02ET03) Compartilhar, com outras crianças, situações de cuidado de plantas e animais nos espaços da instituição e fora dela.
- (EI02ET05) Classificar objetos, considerando determinado atributo (tamanho, peso, cor, forma etc.).
- (EI02ET06) Utilizar conceitos básicos de tempo (agora, antes, durante, depois, ontem, hoje, amanhã, lento, rápido, depressa, devagar).
- (EI02EF01) Dialogar com crianças e adultos, expressando seus desejos, necessidades, sentimentos e opiniões.
- (EI02EF03) Demonstrar interesse e atenção ao ouvir a leitura de histórias e outros textos, diferenciando escrita de ilustrações, e acompanhando, com orientação do adulto-leitor, a direção da leitura (de cima para baixo, da esquerda para a direita).
- (EI02EF04) Formular e responder perguntas sobre fatos da história narrada, identificando cenários, personagens e principais acontecimentos.
- (EI02EF06) Criar e contar histórias oralmente, com base em imagens ou temas sugeridos.

Campos de experiências

O eu,
o outro e
o nós

Espaços,
tempos,
quantidades,
relações e
transformações



Traços, sons,
cores e
formas

Corpo,
gestos e
movimentos

Escuta, fala,
pensamento e
imaginação

CRIANÇAS PEQUENAS (4 E 5 ANOS)

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

(EI03EO01) Demonstrar empatia pelos outros, percebendo que as pessoas têm diferentes sentimentos, necessidades e maneiras de pensar e agir.

(EI03EO02) Agir de maneira independente, com confiança em suas capacidades, reconhecendo suas conquistas e limitações.

(EI03EO03) Ampliar as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação.

(EI03EO04) Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos.

(EI03EO06) Manifestar interesse e respeito por diferentes culturas e modos de vida.

(EI03TS02) Expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura, criando produções bidimensionais e tridimensionais.

(EI03ET01) Estabelecer relações de comparação entre objetos, observando suas propriedades.

(EI03ET02) Observar e descrever mudanças em diferentes materiais, resultantes de ações sobre eles, em experimentos envolvendo fenômenos naturais e artificiais.

(EI02ET03) Compartilhar, com outras crianças, situações de cuidado de plantas e animais nos espaços da instituição e fora dela.

(EI03ET04) Registrar observações, manipulações e medidas, usando múltiplas linguagens (desenho, registro por números ou escrita espontânea), em diferentes suportes .

(EI03ET05) Classificar objetos e figuras de acordo com suas semelhanças e diferenças.

(EI03ET06) Relatar fatos importantes sobre seu nascimento e desenvolvimento, a história dos seus familiares e da sua comunidade.

(EI03EF01) Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão.

(EI03EF03) Escolher e folhear livros, procurando orientar-se por temas e ilustrações e tentando identificar palavras conhecidas.

(EI03EF08) Selecionar livros e textos de gêneros conhecidos para a leitura de um adulto e/ou para sua própria leitura (partindo de seu repertório sobre esses textos, como a recuperação pela memória, pela leitura das ilustrações etc.).

(EI03CG01) Criar com o corpo formas diversificadas de expressão de sentimentos, sensações e emoções, tanto nas situações do cotidiano quanto em brincadeiras, dança, teatro e música.

(EI03CG02) Demonstrar controle e adequação do uso de seu corpo em brincadeiras e jogos, escuta e reconto de histórias, atividades artísticas, entre outras possibilidades.

(EI03CG03) Criar movimentos, gestos, olhares e mímicas em brincadeiras, jogos e atividades artísticas como dança, teatro e música.



FOTO: ACERVO FABER-CASTELL

QUALIDADE É ESSENCIAL: entrelaçamentos entres os Parâmetros Nacionais de Qualidade da Educação Infantil e a Aprendizagem Criativa

por Bia Ferraz

Em 2018, o Ministério da Educação (MEC), lançou a atualização dos Parâmetros Nacionais de Qualidade da Educação Infantil, fruto de um trabalho que envolveu instituições governamentais, não governamentais e da sociedade civil. Esse processo considerou, além dos avanços nas legislações vigentes, pesquisas e estudos científicos sobre o desenvolvimento infantil, resultados de pesquisas nacionais e internacionais sobre a qualidade da Educação Infantil (EI) e sobre seu impacto na melhoria das aprendizagens e no alcance do pleno desenvolvimento das crianças de zero a cinco anos.

Considerando que a primeira construção deste documento foi em 2006, a sua revisão visou, principalmente, o alinhamento com as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEIs), promulgadas em 2009, e a homologação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no ano de 2017. Ambos os documentos foram fruto de debate nacional, envolvendo diferentes representantes da sociedade, e buscaram sistematizar concepções importantes sobre a imagem de criança da nossa sociedade, conhecimentos e evidências relacionadas a como elas aprendem e

se desenvolvem na infância e, a partir dessas novas concepções, orientar as instituições de Educação Infantil e seus profissionais sobre como devem considerar a organização do cotidiano e as propostas de práticas pedagógicas de forma a garantir seus direitos e aprendizagens e o alcance do pleno desenvolvimento na primeira infância. Importante ainda frisar que falamos de uma Educação Infantil onde são desenvolvidas habilidades como criatividade, imaginação, pensamento crítico e curiosidade, desafiando a criança com explorações lúdicas e o uso de materiais não estruturados.

A proposta revisada dos Parâmetros investiu na oportunidade de que esse documento pudesse contribuir para um processo formativo, na medida em que pode ser considerado como referência para estudos sobre os princípios, conceitos e práticas que favorecem as aprendizagens e o desenvolvimento infantil.

O documento também representa uma oportunidade para um processo de revisão das políticas, considerando as referências que traz sobre boas práticas para garantir a qualidade das instituições de Educação Infantil. Favorece ainda a criação e/ou revisão de orientações para compras

de brinquedos e materiais pedagógicos, livros de literatura, reformas escolares, processos de formação continuada, valorização desta etapa de ensino, de seus profissionais e da necessária qualidade de suas condições de trabalho envolvendo espaços e tempos para suas documentações pedagógicas que incluem um processo de planejamento, registro, análise e interpretação e novas propostas e estratégias para garantir a aprendizagem de todas as crianças considerando seus interesses, suas necessidades de aprendizagem e seus diferentes ritmos de desenvolvimento.

A estrutura do documento dos novos Parâmetros de Qualidade da Educação Infantil também considera o engajamento de diferentes atores – gestores da Secretaria de Educação,

gestores das instituições de Educação Infantil, professores e profissionais de apoio, familiares e responsáveis pelas crianças – envolvidos na educação das crianças dando clareza às suas responsabilidades e a necessidade de ações articuladas. Por fim, vale destacar seu papel na promoção do desenvolvimento do monitoramento da qualidade atrelado a um plano de ação envolvendo todos os atores como co-responsáveis. O princípio da co-responsabilidade reconhece a importância de políticas voltadas para a infância de forma articulada e intersetorial, compreendendo que nos primeiros anos de vida se dá a base da formação do sujeito e, neste período, família, escola, mas também as instituições que cuidam da saúde e do bem estar, que apoiam os pais nas suas competências parentais, são essenciais para a garantia do desenvolvimento pleno das crianças.

Os novos Parâmetros estão organizados em oito áreas focais que organizam um conjunto de princípios e parâmetros visando uma melhor compreensão de suas especificidades. Os **princípios** apresentam a razão ou o que explica a importância das práticas propostas e os **parâmetros** são referências pautadas em boas práticas e evidências com a intenção de serem implementadas pelos diversos atores do processo educativo.



FOTO: RODRIGO ZAIM



FOTO: MARCIO MECCA



ÁREAS, PRINCÍPIOS E PRÁTICAS

A estrutura dos parâmetros está organizada da seguinte forma:

Área Focal 1	GESTÃO DOS SISTEMAS E REDES DE ENSINO	Princípios 1.1) Gestão de acesso, oferta e matrícula 1.2) Sistema de ensino/Rede de ensino	30 Parâmetros
Área Focal 2	FORMAÇÃO, CARREIRA E REMUNERAÇÃO DOS PROFESSORES E DEMAIS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL	Princípios 2.1) Seleção, carreira e valorização dos Professores e profissionais 2.2) Formação inicial e continuada dos Professores e profissionais 2.3) Condições de trabalho dos Professores e profissionais da educação	31 Parâmetros
Área focal 3	GESTÃO DAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL	Princípios 3.1) Planejamento e avaliação 3.2) Projeto Pedagógico 3.3) Transições (casa-instituição; ano a ano; entre etapas) 3.4) Instâncias colegiadas 3.5) Promoção da saúde, bem estar e nutrição	52 Parâmetros
Área focal 4	CURRÍCULOS, INTERAÇÕES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	Princípios 4.1) Campos de experiência: multiplicidade de Experiências e Linguagens 4.2) Qualidade das interações 4.3) Intencionalidades pedagógicas 4.4) Observação, planejamento, documentação e reflexão das práticas pedagógicas e dos aprendizados das crianças	41 Parâmetros
Área focal 5	INTERAÇÃO COM A FAMÍLIA E A COMUNIDADE	Princípio 5.1) Relações com a família e a comunidade	17 Parâmetros
Área focal 6	INTERSETORIALIDADE	Princípio 6.1) Rede de proteção social	10 Parâmetros
Área focal 7	ESPAÇOS, MATERIAIS E MOBILIÁRIOS	Princípios 7.1) Organização dos espaços de aprendizagem e desenvolvimento 7.2) Insumos pedagógicos e materiais	27 Parâmetros
Área focal 8	INFRAESTRUTURA	Princípios 8.1) Localização e entorno, características do terreno, serviços básicos, condições de acesso à edificação e condicionantes físicas ambientais 8.2) Programa de necessidades, setorização, fluxos, áreas e proporções entre ambientes	31 Parâmetros

A coerência entre a prática pedagógica e as escolhas educacionais que estão representadas nas legislações e nos documentos oficiais que tratam das instituições de Educação Infantil é muito importante no processo de implementação de qualquer projeto educacional, o que coloca para o cotidiano das práticas formativas com os profissionais envolvidos na educação das crianças a necessidade de refletir sobre suas práticas à luz dos princípios, conceitos e parâmetros que as orientam, buscando o aprimoramento profissional e as mudanças necessárias para o alcance da qualidade.

Pesquisas recentes apontam que um bom professor faz diferença no alcance dos resultados positivos de aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil. Um bom professor é autônomo, reflexivo, pesquisador e sabe equilibrar contextos de aprendizagem articulando as experiências e saberes das crianças, seus direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, por meio de uma escuta genuína e responsiva, promovendo interações e investigações que valorizam os interesses e as ideias das crianças, suas necessidades de aprendizagem, seus diferentes ritmos de desenvolvimento e consideram a construção de conhecimento como ativa, dinâmica e social. Também consideram os espaços e os materiais como sujeitos ativos no processo de aprendizagem, apoiando-os na organização de um cotidiano e de contextos de aprendizagem descentralizados, criando condições para o protagonismo da criança, para participação ativa em suas aprendizagens.

Todos esses são conceitos e princípios que fundamentam as DCNEIs e a BNCC da etapa da Educação Infantil

e que encontram sinergia no conceito de Aprendizagem Criativa. Considerando a Aprendizagem Criativa como uma filosofia educacional que valoriza a expressão individual, a colaboração no desenvolvimento de soluções para problemas nos quais as crianças encontram sentido e, portanto, se engajam, e considerando os quatro pilares nos quais essa filosofia se apoia: Projetos, Paixão, Pares e Pensar brincando, é possível estabelecer relações claras com os princípios e conceitos que fundamentam nossas DCNEIs e a proposta de organização curricular da BNCC da etapa da Educação Infantil em campos de experiências.

Em ambos os documentos as crianças são compreendidas como sujeitos ativos, curiosos, com autoiniciativa, plenos de potencial e com o desejo de conhecer o mundo à sua volta, as pessoas, as relações e a si mesmas. Os contextos de aprendizagem organizados pelos professores junto às crianças devem considerar seus interesses e curiosidades, suas necessidades de aprendizagem e seus diferentes ritmos de desenvolvimento. O papel do professor é mediar, ser parceiro e apoiar as aprendizagens das crianças, por meio de estratégias de apoio que considerem a organização dos espaços e materiais, a brincadeira como linguagem pela qual a criança aprende e se desenvolve, a exploração e a investigação como condições necessárias para suas aprendizagens com sentido e significado, a qualidade das interações como fundamentais, a importância de se garantir no cotidiano que as

crianças possam se expressar e aprender por meio de múltiplas linguagens e a importância de um trabalho apoiado por um processo de documentação pedagógica e que considere a família como parceira ativa e engajada na educação das crianças. ■■



Beatriz Ferraz é doutora em Educação pela USP, com especialização em Liderança em Políticas para a Primeira Infância pela Harvard University, em Introdução à Pedagogia Pikleriana pela Fundação Léczy pela criança (Budapeste, Hungria) e em A cotidianidade nas escolas de Reggio Emilia pelo Centro Internacional Loris Malaguzzi (Reggio Emilia, Itália). É sócia diretora da Escola de Educadores e diretora pedagógica da Escola de Educação Infantil Global Me. Atuou em diversos Projetos junto ao Ministério da Educação: Coordenadora de Técnica do PNLD de Educação Infantil em 2020, consultora na revisão dos Parâmetros Nacionais de Qualidade da Educação Infantil, autora do conteúdo da ferramenta curricular da Educação Infantil do site basenacionalcomum.mec.gov.br e autora de texto de apoio e leitora crítica da Base Nacional Comum Curricular.

Os registros e a documentação pedagógica da Ateliê Carambola

por Fabricio Remigio



FOTO: RODRIGO ZAIM



vos e situações cheias de intencionalidade e sentido.

Dentro deste ciclo, os registros são fundamentais, e coletamos cotidianamente fragmentos de experiências vividas, por meio de fotos, vídeos, áudios, textos ou desenhos. Valorizamos as produções e criações das crianças e também acompanhamos e narramos seus processos ao produzir e brincar.

Registrar é, acima de tudo, colecionar recortes das **experiências significativas** (Paixão). É extremamente importante ressaltar que somente registrar não significa que uma escola trabalhe na perspectiva da documentação pedagógica.

Para que estes registros estejam próximos do conceito criado pelos italianos, os documentos precisam estar “vivos”. Gosto particularmente do conceito de agência, no sentido de ser “um agente no mundo”, que gera mudanças concretas, que transpassa a prática, carregado de intencionalidades, e atua nas relações sociais.

Entre muitas dessas funções dos registros, a de habitar a sala dos pequenos é uma das mais especiais. Nas paredes, desde os bebês, as crianças têm consciência e protagonismo na documentação, e se veem nas paredes, nas narrativas, nas temáticas e em ação.

A Ateliê Carambola é uma escola que se inspira em muitas abordagens e pensadores: de Manoel de Barros bebemos o invençionismo e a poética; de Paulo Freire respiramos a Práxis e seu rigor na costura entre teoria e prática; de Emmi Pikler e a experiência educativa de Lóczy a noção de que devemos ser profissionais estudiosos da primeiríssima infância, e que isso não exclui a dimensão dos afetos e das relações; de Loris Malaguzzi e da experiência de Reggio Emilia o compromisso ético, estético e político com a infância.

Desta última, buscamos ressignificar e colocar em prática

o conceito de documentação pedagógica, uma abordagem projetual que nos permite planejar com muita intencionalidade e sem improviso, ao mesmo tempo que mantém o espaço do incerto e do imprevisto.

Digo “ressignificar” pois uma abordagem como a experiência italiana é impossível de ser replicada de forma metódica e mecanicista – o que buscamos é compreender os conceitos e nos inspirar em alguns exemplos para que possamos ter nosso próprio horizonte. A documentação que buscamos é um ciclo ideal entre observar a ação das crianças, acompanhando seus processos de aprendizagem, refletir individualmente e em grupo, e prefigurar e planejar contextos educati-

Ao ler um *processo documental*, como chamamos os documentos que colecionam os registros, reflexões, hipóteses e planejamentos, existem alguns momentos que parecem mágicos, que são *instantes decisivos* como diria o fotógrafo Cartier Bresson. Em geral são pontos de inflexão que uma fala ou algum tipo de ação de uma criança dispara um caminho de aprofundamento que nos surpreende, nos deixa maravilhados. Somos os profissionais do encantamento como dizia Loris Malaguzzi.

Estes momentos não tem nada a ver com sorte, afinal “sorte” significa também uma espera passiva e a possibilidade de ausência de nossa intenção. A *mágica* está relacionada a alguns hábitos que cultivamos, que fogem de uma visão utilitária dos registros, e caminham para a escuta verdadeira das crianças.

Os registros em fotos, vídeos e anotações são cotidianos, mas não só eles: os documentos são feitos dentro da escola, em horário de estudo dos professores e atelieristas. Os encontros e discussões também são cotidianos, e confrontos mais complexos possuem recorrências regulares. A própria discussão de teorias formativas se dá em serviço, e utiliza como base a própria documentação pedagógica.

Daniela Martini, educadora italiana, no livro *Educar é a busca de sentido*, nos revela que: “Para agir coerentemente com as finalidades declaradas, a abordagem projetual deve introduzir a utilização de instrumentos eficazes para gerar aprendizagens, tanto no grupo de crianças, quanto no de professores.”

Também experimentamos e moldamos em alguma medida os nossos próprios instrumentos de documentação pedagógica. Quando nos aprofun-

damos nos conceitos das incríveis pesquisas de Emmi Pikler, utilizamos com os bebês os mesmos instrumentos da documentação com as crianças mais velhas, mesmo que os observáveis e a própria temática dos processos sejam bastante distintos.

Muitos pontos de observação e registros são possíveis desde o berçário: como os bebês brincam, se alimentam, reagem às trocas, dialogam com as educadoras através de linguagens gestuais e corporais. Continuamos a reflexão e o rigor: fotografamos os espaços quando montados, e depois a ação dos bebês, pois assim discutimos em grupo as mudanças. Fotografamos, filmamos e escrevemos sobre suas relações com a música, com os livros e com a natureza. Registramos os bebês brincando entre eles, os momentos de troca, alimentação e o sono. O cotidiano como currículo da escola da infância é visível através da documentação pedagógica.

Todos os registros colecionados e os documentos produzidos dialogam com a comunidade, com as famílias, educadores de outras escolas da infância, com culturas e políticas públicas. Estabelecem uma rede de conexões, que transforma o papel da escola e nos transforma em uma ins-

tituição com uma ação na sociedade. Veia Vecchi, educadora e uma das principais pensadoras da experiência de Reggio Emilia, nos diz sobre um conceito que deve ser perseguido nas escolas: uma “complexa e estimulante normalidade”. Posso dizer pela nossa experiência que a documentação pedagógica contribui de forma singular para este ideal, e apesar de complexa e cheia de camadas, ela só pode existir quando é colocada em uma prática reflexiva, cotidiana e com muita dedicação de toda a equipe de uma escola.

Para voltar a Manoel de Barros: “Difícil fotografar o silêncio. Entretanto tentei.”



Fabrizio Remigio é Coordenador de Documentação Pedagógica da unidade de zero a três anos da Escola Ateliê Carambola. Formado em Comunicação Social, estudante de Pedagogia, fotógrafo e documentarista da infância. É formador nos cursos do Ateliê Centro de Pesquisa e Documentação Pedagógica.



FOTO: RODRIGO ZAIM

LIVRO LITERÁRIO NÃO É PARA SER ÚTIL

por Luciana Loew

Livro, inútil? Como, se todos sabemos que os livros transformam? Desde a primeira infância, desde bebês, desde a barriga – quanto mais cedo melhor porque, para além dos benefícios cognitivos – atenção, concentração, vocabulário, memória, raciocínio –, também os potenciais menos tangíveis como imaginação, curiosidade e criatividade se expandem diante das histórias. Tem mais: ao entrarmos em uma narrativa, conhecemos mais sobre o mundo e as pessoas, e ao nos colocarmos no lugar do personagem desenvolvemos empatia. Essa exposição a mundos e sensações também possibilita que nos reconheçamos nas situações e assim fica mais fácil nomear emoções e identificar sentimentos. Ufa! Tem mais, muito mais, mas vamos fazer uma pausa por aqui na lista dos benefícios para não perder o raciocínio. Como é que um objeto com essa potência pode não ser útil?

Os lugares em nós em que os

livros são capazes de chegar são muitos e a forma como isso acontece, quase mágica. Mas só se, bem – só se os livros forem lidos. E os livros só serão lidos se forem bons. Quando digo lidos falo de fome de ler, com vontade e prazer, sabem? E quando digo bons... bem, é aí que começa o desafio das famílias, dos professores, dos cuidadores, de todo mundo que sabe da importância da leitura e que tenha interesse em formar leitores, sabendo que formar leitores vai muito além de conseguir fazer com que as crianças leiam alguns livros para determinadas atividades escolares.

O que é um livro bom? Primeiro, vamos separar os livros: o “bom” do livro didático é diferente do “bom” do livro literário, que é aquele que se lê por prazer, dissociado da obrigação. No entanto, tem sido cada vez mais comum ver os livros “de ler em casa”, ou seja, aqueles que deveriam ser lidos por prazer, sendo usados com algum objetivo. Tenho me deparado com uma quantidade imensa de manchetes que dizem “confira dez livros para falar de (complete: diversidade, gentileza, morte, medo) com crianças”. Sim, existem muitos livros maravilhosos para se falar sobre determinados assuntos com as crianças. Mas muito provavelmente a maioria deles não foi escrita com esse objetivo. Nem todos os livros precisam falar de alguma coisa. A literatura é, acima de tudo, arte. E como toda arte, fala de um jeito único e forma, com cada





um de nós, uma nova obra feita da soma do que está no livro com o que está na gente. Como universalizar uma coisa assim? Como pegar uma obra de arte e colocar num cesto destinado a determinada utilidade?

Rosângela Vieira Rocha, jornalista e autora de livros para adultos e crianças, diz que a literatura "...não precisa servir a nada, a causa alguma, tem total liberdade e não é feita para que o leitor entenda alguma coisa. Se é de boa qualidade, aí sim, pode conduzir o leitor a uma visão diferente de mundo, mesmo que o/a autor/a não tenha levado em conta nenhum objetivo determinado, no momento da criação. Literatura não é panfleto e nem livro didático, não é feita para educar. Seu compromisso é muito mais amplo." É possível escolher bons títulos para abordar determinados assuntos com as crianças, mas não é possível escrever um livro literário com o objetivo de abordar determinado assunto com as crianças – ele já nasceria, no mínimo, paradidático. Esse é um bom parâmetro de escolha: o livro foi escrito com esse objetivo, ou depois de escrito é que foi descoberto como meio para se discutir determinado assunto?

Outro dia recebi de uma editora um livro com uma seleção de contos que têm como protagonistas os Ogres. São histórias fantásticas com bruxas, feitiços, animais falantes. Histórias que nos fazem viajar para mundos mágicos, ter medo dos monstros, torcer pelos heróis. São histórias. Sim, são livros para se falar de medo com as crianças – e o são justamente porque não foram feitos com tal objetivo, foram feitos para envolver, emocionar. É só o que envolve e emociona que tem o poder de transformar. Agora imagine um livro hipotético cujo título se chame "Vamos falar

sobre o medo?". Qual dos dois seria mais interessante? Qual teria a preferência das crianças?

Mas e quando a escola indica um livro literário? Tem que virar, automaticamente, paradidático? É claro que não; tudo depende de como a escola conduz essa indicação. É possível pegar um livro de grande valor literário e reduzi-lo a um caça-figuras de linguagem - quanto desperdício! Mas também é possível explorá-lo por meio de um currículo literário, sem escolarizar, sem transformá-lo em utilitário.

Disse Daniel Pennac: há algo em comum entre os verbos "amar", "sonhar" e "ler": nenhum deles aceita o imperativo. Podemos até tentar mandar alguém amar, mas se a pessoa não sentir aquilo, ordem nenhuma fará efeito. O mesmo com os sonhos: podemos tentar mandar alguém sonhar o quanto quisermos, mas na hora que a pessoa deitar e fechar os olhos, aquilo só dependerá dela.

Com a leitura acontece a mesma coisa. Não vai adiantar nada mandar uma criança ler sozinha se a semente do prazer pela leitura não tiver sido semeada. Os olhos podem até acompanhar o texto no papel. Podem até identificar palavras ou figuras de linguagem. Mas não terão lido de verdade – vocês sabem do que estou falando: aquele ler que envolve, que faz a gente se esquecer de onde está porque mergulhou nas páginas e viveu aquelas vidas. Aquele livro que fica na gente mesmo muito tempo depois de termos lido a última linha. Aquelas histórias que se misturam às nossas próprias e fazem parte de quem somos.

Quanto menos útil um livro tiver a pretensão de ser, maior a chance de isso acontecer. ■■



Luciana Loew é consultora de comunicação, pesquisadora e especialista em textos literários com pós-graduação nos núcleos de ficção e infantojuvenil no Instituto Vera Cruz, em São Paulo. É colunista da revista Pais&Filhos e do blog Saúde Infantil, do Instituto Pensi, onde fala para pais, mães e cuidadores sobre como as histórias infantis são capazes de encantar – não só as crianças – e transformar o mundo.



Brincar, educar e aprender na escola

por Bianca Solléro



FOTO: ACERVO FABER-CASTELL

“Brincar é o trabalho da criança”

Maria Montessori

Para entendermos a importância do brincar e sua relação com a criatividade, tomarei como ponto de partida um comparativo com o trabalho. “Brincar é o trabalho da criança”, disse Maria Montessori, psiquiatra e educadora cuja teoria e prática contribuíram com muito do que hoje conhecemos sobre desenvolvimento infantil.

Pela ótica da produtividade, é verdade: assim como o trabalho é a via de expressão da capacidade produtiva dos adultos, o brincar também

o é para as crianças. Enquanto brincam, meninos e meninas produzem conhecimento sobre si mesmos e sobre o seu redor. Elaboram hipóteses, imaginam cenários, contestam, respeitam ou inventam novas regras. Produzem mecanismos próprios de como se relacionar com pessoas, objetos, natureza – em diferentes contextos. Produzem saberes e noções por meio dos quais apreendem uma cultura e se capacitam criticamente para interferirem sobre ela, transformá-la, ampliá-la.

Tornam-se, portanto, sujeitos

produtivos, através do brincar.

Vista por uma ótica sistêmica, em referência às funções e responsabilidades, o brincar de fato se assemelha ao trabalho: assim como o trabalho representa o que todo adulto deve “fazer” para garantir a manutenção do sistema social, o brincar é exatamente a única “obrigação” da criança direcionada a este mesmo fim.

Assim como o trabalho é para os adultos, o brincar é, para as crianças, sua principal via de relacionamento com o mundo e de transformação dele.

Mas o propósito do brincar vai além disso e, portanto, é preciso abrir brechas de discordância com a famosa frase atribuída a Montessori.

Ao contrário do trabalho, o brincar não precisa de uma capacitação prévia. Não há o que ser ensinado à criança para que ela brinque nem muito menos deveria – o brincar – ter tempo ou horário para começar e terminar. Portanto, falar de brincar na escola merece um cuidado. Na Educação Infantil o brincar não é uma disciplina, ele é a base de todos os processos de aprendizagem que acontecem neste período. Por isso os ambientes lúdicos são tão necessários, principalmente, os não estruturados – geralmente caracterizados pelas áreas externas, de contato com a natureza – que convidam para o brincar mais livre e que dispõem de uma infinidade de possibilidades interventivas e criativas.

Um espaço verde ou uma sala que disponha mais de recursos versáteis do que de brinquedos prontos é muito mais estimulante do ponto de vista do brincar e da criatividade do que uma sala que tenha um cenário prévio determinado. Isto porque brinquedos e cenários sugerem brincadeiras



FOTO: RODRIGO ZAIM

específicas. Já os blocos de madeira, os retalhos de tecido ou papel, as caixas, os potes, bem como a infinidade de coisas que podemos encontrar num jardim (folhas secas, flores, galhos, bichos, terra) apresentam um espectro de possibilidades de uso, intervenção e criação muito maior.

O brincar é uma capacidade inata da criança. Enquanto brinca, ela explora todo seu potencial. Conhece o que gosta e o que não gosta. Percebe o que já consegue e lida com suas limitações. O brincar é o principal fomento de seu potencial criativo e a principal atitude de encontro consigo mesma, portanto, de autoconhecimento.

Talvez, se nossas crianças tivessem seu brincar tão respeitado e valorizado como é o trabalho dos adultos, nós todos poderíamos vivenciar, um dia, “trabalhos” mais agradáveis e sustentáveis (do ponto de vista da saúde mental). Isso porque, enquanto brincam, as crianças ganham intimidade com seus interesses intrínsecos e desenvolvem estratégias criativas e eficazes de conquista daquilo que almejam. Certamente, quanto mais brincam livremente e são validadas nesse fazer, mais chances elas têm

de crescerem capazes de reconhecer aquilo que lhes brilha os olhos e para o quê de fato têm talento e, ainda, capazes de fazer disso um diferencial, um destaque. Crianças que brincam com autonomia e respeito identificam com mais facilidade o propósito de sua existência neste mundo e se constituem seres de realização e transformação a partir de seus potenciais criativos únicos!

Por isso a escola, como ambiente de imersão da infância, deve ser este espaço de cultivo do brincar livre e autônomo. ■■



Bianca Solléro é psicóloga e arteterapeuta, também graduada em Licenciatura das Artes Visuais pela UFMG (2008) com aperfeiçoamento em Gestão de Pessoas pela FGV.

BRINCANDO COM OS QUATRO ELEMENTOS DA NATUREZA

por Giscarla Dantas

A relação humana com a natureza, desde os primórdios, foi pautada na intimidade e na simbiose. A infância, por sua vez, com o seu universo de descobertas, curiosidade, movimento, intensidade, cores e tantas outras nuances, estabeleceu com a materialidade proveniente dos quatro elementos um diálogo vital para o desenvolvimento e aprendizagem, ampliando os caminhos para potencializar a imaginação e fortalecer a estrutura emocional do indivíduo.

O brincar com o chão, com a natureza e seus quatro elementos, faz com que possamos, cada vez mais, reafirmar a humanidade que nos move. É crescimento, é presente, não apenas para as crianças, mas para o sujeito em sua plena essência. O grande filósofo



FOTO: RODRIGO ZAIM

Aristóteles, em sua sabedoria, percebeu o homem em três categorias: o *homo sapiens*, aquele que conhece e aprende; o *homo faber*, aquele que fabrica e produz; e o *homo ludens*, aquele que brinca, que cria, que joga, que interage com o outro.

No tocante ao desenvolvimento infantil, pensar o lúdico no contexto dos espaços naturais permite que a criança seja livre para inventar e descobrir, fato que serve de estímulo não só para a aprendizagem formal e outros processos cognitivos superiores (pensamento, atenção, memória etc), mas também para a construção de uma imagem positiva de si, fortalecimento da autonomia e da confiança.

Seguindo a abordagem dos quatro elementos, o primeiro deles com o qual temos contato, antes mesmo de nascer, é a água. Desde a vida intrauterina, é ela que nos move, que permite o despertar da vida. É a pureza e fluidez que preenche 70% do corpo humano, que está presente na maior extensão do nosso planeta e que,

além de vital, faz parte da nossa rotina de maneira definitiva. No entanto, em que momento essa mesma água passa a ser lúdica? Ao observarmos uma criança no banho, por exemplo, podemos perceber o quão prazerosa é a sensação do contato com a água. Um jato de mangueira, um banho de chuva, um mergulho no mar, tudo isso é capaz de promover relaxamento, descontração, liberdade e intimidade. É o líquido lúdico que encanta e envolve!

Representando a estrutura do corpo físico e suas potenciais sensações, ao conhecer o mundo com as mãos e com os pés, a criança vivencia a experiência de liberdade que o elemento terra tão ricamente proporciona. É o despertar da imaginação, o vínculo com as suas raízes, a conexão com as suas origens, com o interior das coisas. É dar espaço para a curiosidade na plenitude do movimento, da textura, do cheiro, da cor... é uma fusão de experiências sensoriais que permite a descoberta e a entrega!

Com todos os assombros que o temido fogo sempre foi capaz de despertar, em um primeiro olhar, ele não poderia ser “brinquedo” de criança... mas será que não, mesmo? Desde os primórdios, o fogo sempre exerceu fascínio na humanidade, quer pelo seu poder de transformação, quer pelo seu calor e luminosidade. Assim como a roda, foi uma das grandes descobertas da raça humana, que proporcionou, além de um marco evolutivo ímpar, muitas revoluções e invenções; foi um verdadeiro balizador histórico-cultural e se estabeleceu como uma “autoridade” elementar. Para as crianças, o fogo também é mágico: quem nunca reparou no olhar eufórico dos pequenos diante de uma velinha de aniversário? Dentre todos os elementos, este é um dos mais emblemáticos, pois faz parte de momentos ritualísticos e, muitas vezes, místicos da nossa sociedade.

Claro que não é recomendável expor as crianças a situações de perigo ou incentivar o manuseio do fogo. Contudo, há uma sutil diferença entre risco e perigo: o risco tem a ver com o incerto, com o desconhecido, e conseqüentemente, desperta a curiosidade da criança – logo, correr riscos “saudáveis” ou “controlados”, sempre sob supervisão de um adulto, pode ser uma situação muito construtiva! O perigo, por sua vez, é um conjunto de condições desfavoráveis, em circunstâncias inadequadas, sem um olhar responsável, que fatalmente resulta em acidentes ou contextos agravados. Como promover, então, um momento lúdico considerando o elemento fogo?



A princípio, é fundamental conscientizar os pequenos sobre a importância dos limites ao manipular o fogo, e isto deve ser feito respeitando-se o desenvolvimento e a maturidade do sujeito. O medo, especificamente nesse caso, opera como uma barreira positiva, reforçando a necessidade de uma postura de cuidado, cautela e autocontrole. A segurança precisa vir em primeiro lugar, mas não se deve impedir o contato ou a exploração responsável deste elemento: experiências com velas, transformar a luz do sol, através da lupa, em fogo, criar faíscas por meio do atrito entre objetos naturais, dentre outras tantas descobertas!

E por último, mas não menos importante, o nosso olhar brincante é para o ar, esse pequeno notável e invisível. “Estou vivo, mas não tenho corpo, por isso é que eu não tenho forma” – já diziam os versos da cantiga infantil da velha infância. O ar denota a leveza, o conforto, a suavidade, e mais do que isso, a própria vida – é impossível viver sem respirar, e a conexão do ar com o ser humano, desde o momento em que ele sai da barriga da mãe e entra em contato com o ambiente externo, é estreita e ininterrupta, até que a morte os separe. Brincar

com o ar traz liberdade, pois é um espaço sem fronteiras entre o ir e vir; é um grande horizonte que amplia a visão, aguça os sentidos e desperta a imaginação. É nesse espaço invisível que voa um aviãozinho, que sobe uma bolha de sabão, que se empina uma pipa no céu, que salta uma peteca... a ludicidade existente na aerodinâmica é praticamente infinita, e o sopro, em sua delicadeza, é um potente instrumento de som e movimento, que tem forte ligação com o fazer lúdico da criança.

O autor Gandhi Piorski diz que “[...] em cada um dos quatro elementos, as imagens, na brincadeira, criam narrativas diferentes, enredam o viver por aspectos diversos. A vida – social, material, cultural – ganha sempre a largura e a suspensão do ar, a fluência e a sinergia da água, a iluminura e têmpera do fogo, a gravidade e o peso da terra”. (PIORSKI, 2016, p.117).

Que possamos permitir que a poética da Natureza e seus Quatro Elementos seja um presente vivo para o brincar da criança, e que essa liberdade seja sempre uma fonte de inspiração para a cultura lúdica!



Giscarla Dantas é pesquisadora na área do Brincar e da Cultura Lúdica, doutoranda e mestra em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela USP, especialista em Metodologia do Ensino Superior e Novas Tecnologias e graduada em Pedagogia.

REFERÊNCIAS:

PIORSKI, Gandhi. **Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar**. São Paulo: Peirópolis, 2016. <https://www.diariodosertao.com.br/coluna/a-fabula-de-higino-4>

IMAGINAÇÃO E CRIATIVIDADE
SÃO O PASSAPORTE PARA A INOVAÇÃO



PROGRAMA
**aprendizagem
criativa**

O Programa de Aprendizagem Criativa da Faber-Castell abre espaço para a diversão e conhecimento em um mesmo lugar, com formação para professores e diferentes estratégias e materiais para potencializar ainda mais a aprendizagem dos seus alunos.

Entre em contato através do e-mail:
aprendizagem.criativa@faber-castell.com.br

ou acesse o nosso site:

educacao.faber-castell.com.br/aprendizagem-criativa/